

Entre destroços e detritos: pode a regressão apontar para o futuro?

Reflexões sobre a psicologia das massas
e a infância como um estado

Amidst ruins and debris: Can regression point to the future?

Reflections on group psychology and infancy as a state

Arthur Marins Franco*

Monah Winograd**

Resumo

Um certo preconceito que toma partido do progresso em detrimento da regressão, pode ser encontrado em determinada leitura de *Psicologia das massas e análise do eu* (FREUD, 1921/2020). Entretanto, através das brechas produzidas pelo incêndio da estátua do bandeirante Borba Gato, em julho de 2021, empreende-se aqui um retorno que encontra naquele texto, escrito cem anos antes, o destaque a um fator de revolta contra o Ideal de Eu. Neste espírito, faz-se em seguida a análise de uma crítica de Winnicott ao pai da psicanálise. Defende-se aqui que, ao tomar a infância como um estado, o inglês revigore o vetor regressivo como aquilo que permite fazer, entre destroços e detritos, a invenção de um novo senso de si. Ao fim nos perguntamos: poderemos, às vezes em silêncio, sustentar tanto a queda de nossos ideais quanto um novo futuro que pode devir?

Palavras-chave: Regressão. Psicanálise. Grupo. Massas. Ideal.

Abstract

A certain prejudice, favorable to progress in detriment of regression, can be found on a set reading of Group Psychology and the Analysis of the Ego (FREUD, 1921/2020). Nevertheless, through the cracks produced by the fire of Borba Gato's statue, on July 2021, a return is undertaken here that

* Psicanalista. Formado em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense (UFF-Niterói) e em Relações Internacionais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mestrando em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Membro do Grupo Brasileiro de Pesquisas Sándor Ferenczi. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. arthur.mfranco2@gmail.com

** Psicanalista. Vice-decana de Pós-graduação e Pesquisa do Centro de Teologia e Ciências Humanas (CTCH), Coordenadora Geral do Laboratório de Humanidades Digitais (HDLab), Coordenadora do Laboratório de Estudos Avançados em Psicanálise e Subjetividade (LAPSU), Professora Associada 2 do Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Rio de Janeiro, RJ, Brasil. monahwinograd@icloud.com

encounters on the above mentioned text, written one hundred years ago, the remark of a rebellion of the ego against the ego ideal. On such spirit, an analysis of a Winnicott's critic to the father of psycho-analysis is done. It is defended here that, when taking infancy as a state, the Englishman reinvigorates the regressive vector as that which allows one to make up, amidst ruins and debris, the invention of a new sense of self. In the end, we ask: may we, sometimes in silence, hold and sustain not only the fall of our ideals, but also a new future that could come?

Keywords: Regression. Psycho-analysis. Group. Ideal.

Na iminência do pensamento
Pois o momento é quem vai falar (...)
Que o que importa pra mim é ser, não ter
(Boogarins, *6000 dias ou mantra dos 20 anos*).

A maior demonstração de propagação do ser é o eco
Com ele, meu grito tem força pra derrubar todos os prédios
(Boogarins, *Avalanche*).

Introdução

A luz entra abruptamente pelas fendas que lentamente se abrem. À medida em que as pálpebras se recolhem, a imagem que se forma é a de uma enorme nuvem de fumaça, em matizes de cinza. Por entre os densos gomos de monóxido de carbono, que dançam espasmodicamente, quase não se vê a estátua do bandeirante Borba Gato, que queima envolta em um manto rubro que lhe veste ao contrário, dos pés até quase à cintura. A descrição é das imagens postadas no perfil do Instagram da *Revolução Periférica* no dia 24 de julho de 2021. Cenas como esta repetem-se sistematicamente ao redor do mundo. No Brasil, nos EUA, na Colômbia, no Chile, na Inglaterra (entre outros), monumentos e estátuas têm sido depredados, derrubados, incendiados e até decapitados, em uma revolta iconoclasta contra o que vem passando a ser entendido, a partir de uma revisão histórica promovida principalmente pelo pensamento decolonial, como símbolos não de conquistas, mas de um passado traumático e denegado. Psicanalistas que somos, esta revisão dos “ideais” certamente nos atíça, mas afinal, o que a psicanálise teria a *ouvir* com isso?

Lembremos: cem anos antes de Borba Gato queimar, é com a rejeição de um falso problema que Freud abre seu ensaio acerca da psicologia das massas. A oposição entre uma psicologia social e uma psicologia individual não passaria de uma ilusão. Tal é a maneira como o discurso freudiano, longe de negar uma distinção entre indivíduo e sociedade, nos indica, desde os ecos da modernidade, a inseparabilidade entre o sujeito e o outro, este que comparece ali “como modelo, como objeto, como auxiliar e como adversário” (FREUD, 1921/2020, p. 137). Neste “outro” freudiano – alteridade, entretanto, ainda forjada na oposição entre natureza e cultura – encontramos amalgamados o fora e o dentro: a lógica (*logos*) da alma (*psykhé*) dos indivíduos é, de alguma forma, a lógica da alma dos grupos.

Na defesa de seu argumento, Freud apoia-se no aspecto relacional sobre o qual a psicanálise havia se debruçado em sua investigação da vida anímica,

considerando que “relações” abarca o investimento do sujeito em “seu objeto de amor” (FREUD, 1921/2020, p. 137). Este movimento faz com que a psicologia individual seja considerada, já de saída, o que emerge de uma “oposição entre atos psíquicos sociais e narcísicos” (FREUD, 1921/2020, p. 138). Neste sentido, nos seria lícito dizer que a satisfação pulsional autoerótica e a objetual seriam, portanto, dois polos da vida anímica e o sujeito, por sua vez, aquilo que emerge como efeito do fluxo entre o social e o psíquico, tal como uma flor que do substrato terroso se lança em direção ao Sol, tendo ambos, acima e abaixo, como fontes indispensáveis de sua existência. Essa inseparabilidade entre o psíquico e o social é, por sua vez, o que permitirá que Freud faça convergir a psicologia individual e a psicologia das massas: a etiologia das neuroses servirá como modelo para as reflexões freudianas sobre a sociedade.

Que efeitos essa manobra do pensamento freudiano – depreender da neurose uma teoria do social e do social uma teoria da neurose – pode ter tido para a clínica psicanalítica, que se faz desde seu início nessa interseção entre o indivíduo e o ambiente social? Certamente não será nossa pretensão responder a uma pergunta tal como essa no pequeno espaço deste trabalho. Pelo contrário, nos parece que propor a questão nos oferece a abertura necessária para empreendermos a tarefa que vem pela frente. Doravante, procuraremos analisar aqui alguns dos efeitos daquilo que Luís Cláudio Figueiredo apontou como um certo preconceito do pensamento freudiano “contrário à regressão e um *parti pris* favorável ao ‘progressivo’” (FIGUEIREDO, 2002, p. 918). Nos ataremos principalmente ao *Psicologia das massas e análise do eu* (1921), do qual faremos depreender-se também sua teoria da identificação, mas outros trabalhos freudianos serão utilizados para complementar algumas de nossas inferências. Entretanto, cabe dizer de antemão que não nos interessaremos propriamente pela regressão no sentido da fixação e das fases de organização sexual, sentido mais estrito em que a encontramos ao longo do texto. Nossa atenção estará voltada para sua aparição como vetor de sentido, por assim dizer, anticivilizatório, no qual a regressão da conquista do Ideal de Eu será o principal dos efeitos destacados.

Portanto, sigamos adiante. Se nos concentrarmos por um instante no sentido atribuído por Freud a “narcísicos” no texto de 21 – polo do investimento libidinal e da satisfação pulsional (FREUD, 1921/2020, p. 137-138) – encontraremos nosso caminho. Tanto o próprio Freud, quanto as veredas pelas quais a psicanálise correu desde então, nos oferecem elementos interessantes que matizam e desdobram a oposição entre “atos psíquicos sociais e narcísicos” (p. 138). Bom exemplo disso está no pensamento de Donald Winnicott. O pedia-

tra que se tornara psicanalista para voltar a sonhar (AB'SABER, 2021), acreditava que Freud havia reconstituído o infantil principalmente a partir das experiências dos adultos tendo, de tal maneira, “negligenciado a infância como um estado” (WINNICOTT, 1960/1982, p. 39). Esta negligência, acredita ele, mostra-se com clareza em uma nota de rodapé na qual Freud, no âmbito de suas considerações sobre os princípios do funcionamento psíquico, afirma tomar como um dado os cuidados que o ambiente oferta ao bebê¹ (FREUD, 1911/2010; WINNICOTT, 1960/1982). Tal atitude fazia Winnicott supor que o trabalho de Freud havia sido profundamente influenciado pelo fato de que “suas próprias experiências infantis haviam sido suficientemente boas, o que fez com que em sua autoanálise ele tomasse a maternagem do bebê como um dado” (WINNICOTT, 1954/2021, p. 471). Longe de conter a verdade sobre a vida freudiana, o que vemos indicado nesta afirmação é o lugar privilegiado em que o pensamento do psicanalista inglês punha as falhas ambientais.

Pediatra que foi abordar a infância como um estado parece ter sido um dos privilégios da posição que Winnicott ocupava junto às famílias e às crianças, lugar a partir do qual se fez muito de sua obra psicanalítica. Tal concepção do infantil está intimamente ligada ao lugar privilegiado que a regressão ocupa em seu pensamento e em sua clínica, como pode-se bem ler em *Aspectos clínicos e metapsicológicos da regressão no contexto analítico* (WINNICOTT, 1954/2021). No centro do argumento deste artigo encontra-se algo que funciona como uma máxima winnicottiana: “quanto mais nos aproximamos do início teórico, menos falhas pessoais encontramos, e em certo ponto passaremos a encontrar apenas falhas ambientais de adaptação” (WINNICOTT, 1954/2021, p. 469). Em outras palavras, esclarece o próprio D.W., “no narcisismo primário o ambiente sustenta o indivíduo, *ao mesmo tempo* que o indivíduo nada sabe sobre o ambiente” (*Id., ibid.*, p. 470). Talvez, mesmo a ideia de indivíduo não seja apropriada neste caso, já que esta concepção de narcisismo nos levaria a concluir que “o relacionamento de um corpo único vem *depois* do relacionamento de dois corpos” (WINNICOTT, 1952/2021, p. 215). De toda forma, se retornarmos à bipolaridade narcisismo-relações objetais usada por Freud em suas considerações acerca da psicologia das massas, expandindo-a agora a partir de Winnicott, seremos levados a constatar que mesmo o polo narcísico deverá ser considerado em suas qualidades relacionais e, logo, sociais.

¹ Ainda que talvez desnecessária, uma admissão do próprio Freud acerca deste procedimento encontra-se logo nos primeiros parágrafos de *Sobre as teorias sexuais infantis* (FREUD, 1908/2018).

Enfim, podemos dizer que uma pergunta estará e esteve guiando tudo o que dissemos até aqui: deve o progresso ser o único caminho em direção ao futuro? Eventos como o incêndio da estátua de Borba Gato, se lidos como um movimento de massas, o que nos dizem sobre o contemporâneo, sobre os sujeitos que somos e sobre os que nos procuram para obter alguma ajuda? Usaremos as contribuições winnicottianas acerca do infantil e do papel do ambiente na psicanálise para, junto da contribuição freudiana sobre a psicologia das massas, refletirmos acerca dos vetores de progresso e regressão em que, entre detritos e destroços, os ideais são erigidos, derrubados e reconstruídos. O que depreendermos das diferentes acentuações para o tema da regressão nos textos freudiano e winnicottiano talvez nos permita pensar o movimento das massas – tão frequentemente analisado como fenômenos de regressão – em que a barbárie e o infantil são os modelos – como propostas de futuro. Não seria justamente isto a utopia concreta de Marcuse (SAVATER, 2023)? Seu pensamento não será aqui destrinchado, mas na intuição de um aviso seu daremos nosso pontapé:

Essa identificação operacional de saúde mental com êxito de ajustamento e progresso elimina todas as reservas com que Freud cercou o objetivo terapêutico de ajustamento a uma sociedade inumana e, assim, vincula a Psicanálise a essa sociedade muitíssimo mais do que Freud alguma vez o praticou (MARCUSE, 1966/1975, p. 219)

Psicanálise e psicologia das massas: um encontro na juventude

O pensamento freudiano, às voltas com o mal-estar da modernidade, nos teria legado duas proposições fundamentais no que concerne à tensão entre o sujeito e a sociedade, tal como demonstrado por Birman (2000). Na primeira delas, indicará haver uma relação indiretamente proporcional entre a saúde psíquica e a moral sexual cultural². Embora se recuse a fazer recomendações explícitas, em *A moral sexual cultural e a doença nervosa moderna* (FREUD, 1908/2020) Freud será claro: um ambiente exageradamente repressor da pulsão sexual pode não valer o sacrifício que nos seria imposto por sua manutenção, a própria expansão da “doença nervosa moderna” (*Id., ibid.*, p. 92). Ainda bastante

² Cultural (e não civilizada) mantendo a sugestão feita por Maria Rita Salzano Moraes, Gilson Iannini e Pedro Heliodoro Tavares nas *Obras incompletas de Sigmund Freud*, da editora Autêntica.

otimista, observamos aqui um Freud capaz de crer que a inclusão de “certa dose de satisfação da felicidade individual entre as metas de nosso desenvolvimento cultural” (*Id., ibid.*, p. 92) pudesse agir como fármaco contra o mal-estar moderno.

Anos depois, após testemunhar a Grande Guerra e o sofrimento psíquico de seus egressos, Freud, entregando-se a uma concepção mais trágica da condição humana, publica, já envolto pelas asas de Tãtatos, *O mal-estar na cultura*. A partir da categoria de mal-estar e do conceito de pulsão de morte, a psicanálise freudiana mergulharia num pessimismo corroborado pela derrocada do projeto civilizatório moderno. A partir daí o vienense argumentará que a condição humana é a de um desamparo de características radicais (FREUD, 1930/2020, p. 316). Inelutável, Freud implica-nos em “reconhecer que o sujeito deve fazer um trabalho infinito de gestão [pulsional] justamente porque o desamparo originário da subjetividade seria incurável” (BIRMAN, 2000, p. 141). Mais tarde, em celebre troca de cartas, o vienense seria ainda mais explícito: no que diz respeito à tendência humana à agressão o melhor que pode-se tentar é “desviá-la o bastante para que ela não tenha de encontrar sua expressão na guerra” (FREUD, 1933/2020, p. 437).

Ora, podemos dizer, também acompanhando Birman (2000) que, ao enunciar a inseparabilidade de indivíduo e ambiente em seu *Psicologia das massas e análise do eu* (1921/2020) encontramos o pensamento freudiano *transicionando* entre a solução harmônica e o reconhecimento de uma condição trágica do humano. Esta contraposição, no entanto, somente nos permite ver onde Freud punha o *acento* quando pensava na tensão entre indivíduo e ambiente num contexto e no outro. Tal é o que pode ser lido na minuciosa pesquisa de Monah Winograd (2013), que vai datar do ano de 1895 a expressão freudiana *equação etiológica*, que buscava definir critérios que tornassem possível investigar se a causação das neuroses era endógena ou exógena, individual ou ambiental. Inter-relacionando causas inatas (condições quase inalteráveis) e adquiridas (causa específica, modificável) mesmo o pensamento pré-psicanalítico de Freud não sustentaria a separação radical indivíduo-ambiente. Uma rejeição deste tipo, na verdade, constituiu a própria natureza da crítica feita por Freud a Charcot em seu obituário do mestre: “A tal ponto Charcot superestimou a hereditariedade como agente causativo, que não deixou espaço algum para a aquisição da doença nervosa” (FREUD, 1897/1969, p. 30).

Considerando isto não chega a surpreender que o vienense tenha recorrido ao trabalho de alguém como Gustave Le Bon e à jovem disciplina da psico-

logia das multidões (IANNINI *apud* FREUD, 2020, p. 226) ao longo de seu caminho. *Nascida* no último ano do século XIX, a psicanálise vinha sofrendo significativas transformações frente aos grandes acontecimentos da década de 10 do século XX e era ela mesma também uma disciplina em plena juventude. Movendo-se a partir das alterações recém-nascidas do *Além* (FREUD, 1920), ela vira-se em direção ao movimento das multidões para uma incursão que terminaria por expandir a sua teoria do eu. Ao fim e ao cabo, como destaca Strachey na nota do editor a um texto de 1893 (FREUD, 1893/1969) é desde muito cedo e constantemente que Freud se arrisca em direção à antropologia e à sociologia para fundamentar seus argumentos. A etiologia das neuroses esteve sempre muito próxima do social.

A alma das multidões e a regressão

Gustave Le Bon foi um homem de origem relativamente humilde, tendo sido descrito, no posfácio de *A psicologia das multidões* da editora Martins Fontes (escrito por Marcia Cristina Consolim), como um pequeno burguês que se autodenominava um intelectual livre: alguém que reivindicava o direito à originalidade e à independência de pensamento e que, paradoxalmente, procurou financiar suas aspirações intelectuais dobrando-se ao mundo editorial de seu tempo. Adaptado a uma visão elitista e aristocrática de mundo, ele teria rejeitado, nas suas considerações sobre a massa, movimentos como a luta dos trabalhadores e formas mais coletivistas da vida intelectual. De tal maneira, produz um trabalho cujo mérito que certamente possui contrasta amargamente, para o leitor contemporâneo, com preconceitos expressos, por exemplo, na classificação de grupos inteiros segundo certos pressupostos arbitrariamente associados a características provenientes de sua pertença geográfica ou fenotípica. Os estereótipos são uma constante no pensamento de Le Bon e com boas doses de evolucionismo social (JESUS, 2013, p. 500) e este foi o sujeito responsável por descrever aquilo que chamou de *A alma das multidões* (LE BON, 1895/2018). Lembrando-nos de que psique e alma são sinônimos frequentes desde a antiguidade clássica (FOUCAULT, 2004, p. 50), vejamos rapidamente como ele a caracteriza.

Segundo Le Bon, a característica básica das massas é a de fazer com que os indivíduos percam a sua singularidade enquanto na condição de elementos da multidão. Em favor da formação de uma alma coletiva e transitória, ao orientarem-se numa mesma direção passam a compor, *ipsis litteris*, um único ser,

submetido ao que é descrito como uma constante: a *lei da unidade mental das multidões* (LE BON, 1895/2018, p. 32). Assim, a *lei psicológica da unidade mental das multidões* dita que a formação de uma multidão psicológica é um “ser provisório, composto por elementos heterogêneos por um momento amalgamados exatamente como as células de um corpo vivo formam, por meio de sua reunião, um novo ser” (*Id., ibid.*, p. 32). Aparentemente atento a estas dimensões da multidão, Elias Canetti propõe, sessenta anos depois de Le Bon, que “o mais importante acontecimento a desenrolar-se no interior da massa é a *descarga*” (CANETTI, 1960/2019, p. 15, grifo nosso). Para Canetti, o que mais importa é que a descarga aproxima, pois coloca em movimento, diminuindo as distâncias entre os indivíduos e tornando-os, por um instante que seja, iguais (*Id., ibid.*, p. 16). Nos indivíduos que dela participam, “essa alma os faz *sentir, pensar e agir* de uma maneira completamente diferente de como cada um sentiria, pensaria e agiria isoladamente” (FREUD, 1921/2020, p. 140). Sua formação é explicada pelos *móveis ocultos* da psique que dominam seu funcionamento (LE BON, 1895/2018) e, para Freud, “seria suficiente dizer que o indivíduo, na massa, encontra-se colocado sob condições que lhe permitem se livrar dos recalamentos de suas moções pulsionais inconscientes” (FREUD, 1921/2020, p. 142).

Assim, para Le Bon a multidão será o lugar da inteligência degradada, espaço no qual se movem elementos animados por uma alma chucra e na qual o que se acumula não é o que há de mais elevado na espécie, mas, com efeito, o que há de mais medíocre (*Id., ibid.*, p. 34). Oposto à inteligência e à consciência, o inconsciente, formado pelos *móveis ocultos* da psique, encerra a dimensão afetiva do humano e, também, sua mais primitiva forma (LE BON, 1895/2018). Tal descrição da alma das massas é o que leva Freud a afirmar, sobre a massa, que: “não há nela nenhum traço cuja procedência e acomodação trariam dificuldades ao psicanalista. O próprio Le Bon nos mostra o caminho, indicando a correspondência que existe entre a vida anímica dos selvagens [*der Primitiven*] e a das crianças” (FREUD, 1921/2020, p. 146). Entretanto, só podemos fazer justiça ao pensamento freudiano se notarmos que, embora faça referência a um inconsciente “semelhante em todos” (FREUD, 1921/2020, p. 142) – o que pressupõe uma universalidade própria da produção de conhecimento no Norte global – o vienense faz questão de contrapor a Le Bon alguém como William McDougall, que entre outros livros escreveu *The Group Mind e Body and Mind: A History and Defence of Animism*. Contando com a ajuda do inglês ele poderá fazer algumas ressalvas interessantes à caracterização leboniana das massas.

Embora “a avaliação sobre o rendimento psíquico de uma massa simples, não organizada, não seja mais simpática em McDougall do que em Le Bon” (FREUD, 1921/2020, p. 156), Freud destaca algo do autor que vale a pena reproduzir. O inglês afirmará que mesmo a menos organizada das massas – ele distingue da multidão uma massa altamente organizada, tal como exército e igreja – tem como condição de possibilidade a existência de algo em comum entre seus elementos. Trata-se, na verdade, de um interesse em comum e, mais precisamente, de “uma mesma orientação afetiva” e “um certo grau de capacidade de se influenciar mutuamente” (FREUD, 1921/2020, p. 154). Essa intensificação da afetividade e a influência mútua merecem destaque como elementos formadores da multidão à medida que, para o indivíduo, constituiria grande prazer “poder entregar-se tão irrestritamente às suas paixões e assim desaparecer na massa e perder o sentimento de sua individualidade” (FREUD, 1921/2020, p. 155). Entre outras palavras, como o leitor arguto terá notado, com a entrada dos argumentos de McDougall Freud deixa-nos entrever com mais precisão um *paradoxo na constituição da massa*: como condição de sua existência há um encontro entre singularidades que se influenciam mutuamente. Assim, mesmo que se fale em perda da individualidade, o que realmente haveria na massa, desde sua origem, seria uma tensão permanente entre elementos que se influenciam.

Sendo assim, nos termos do Freud de *O mal-estar na cultura*, poderíamos dizer que no instante da descarga, mesmo na massa mais precária, estaríamos diante de uma regressão em direção ao sentimento oceânico, como uma aspiração ao “reestabelecimento de um narcisismo ilimitado” (FREUD, 1930/2020, p. 316). Embora tal aspiração seja comumente e com justeza usada pela psicanálise para explicar a barbárie nazista (KEHL, 2018, p. 360), se a tomamos paradoxalmente como impossibilidade e ao mesmo tempo como utopia, também deveremos fazer ressoar aqui a proposta ética de Judith Butler, em *A força da não violência* (2021). Advogando pela possibilidade de uma agressividade não violenta, que tem em seu cerne a enlutabilidade irrestrita e igualitária de todos os seres, a filósofa dirá que uma “solidariedade genuína” exige do eu um duplo movimento. Que ele exista como entidade separada do outro, mas que, simultaneamente, *exista enquanto não-ser*, ou seja, que exista também em suas capacidades de identificação (*Id., ibid.*, p. 87).

De toda forma, que um grupo altamente coeso – uma instituição – se forme a partir de uma base tal como a que acima apresentamos é, para Freud, um testemunho de que a formação da massa organizada devia sua razão de ser à tentativa de provê-la de uma configuração tal qual a de um indivíduo, que goza

de continuidade, consciência de si e de tradições e hábitos (FREUD, 1921/2020, p. 158). Se a massa, organizando-se, tende a uma configuração tal qual a de um indivíduo, este, por outro lado, enquanto componente da massa, *regride* ao que, nas palavras de Le Bon, equivale a vários graus de decida na escala da civilização (LE BON, 1895/2018, p. 36). Como veremos um pouco mais adiante, é precisamente na contraposição a afirmações como esta que a contribuição de Winnicott se nos mostrará valiosa. Positivada por sua teoria da dependência e pela importância que atribui ao ambiente, a regressão será encarada por ele *como uma conquista e como uma chance a ser explorada* pelos membros de um determinado grupo (WINNICOTT, 1955/2023, p. 248), requerendo, portanto, grande coragem e delicadeza.

Antes, porém, gostaríamos de demonstrar que há no próprio Freud a possibilidade de encontrarmos um aspecto que é para nós mais relevante no que concerne a caracterização da regressão. Ainda em seu texto de 1921, o vienense destacará que o que subjaz à sugestão e ao contágio na massa é o amor ou, mais especificamente, as pulsões sexuais (FREUD, 1921/2020, p. 164). A regressão, a partir daqui, será pensada como um dos efeitos causados pela figura do líder carismático da massa, modelo e objeto dos que com ele se identificam e que é motivo e alvo de investimentos libidinais. Descrita assim ela permitirá ver que grandeza a idealização de um líder pode atingir, mas será também o ensejo para que algumas cabeças sejam cortadas por um *fator de revolta*, pois doravante serão os ídolos e o Ideal de Eu que Freud colocará em análise. A possibilidade de mortificação e reativação das forças capazes de produzir os *detritos* com que se formará um “precipitado no eu” (FREUD, 1923/1976, p. 49) terá, enfim, importância especial.

Identificação e regressão na massa

A capacidade de ser sugestionado foi defendida por Freud como sendo “um fenômeno originário não mais passível de redução, um fato fundamental da vida anímica humana” (FREUD, 1921/2020, p. 161). Por sua vez, a assimetria própria da relação entre o sugestionado e o sugestionador, efeito e causa do arranjo entre eles, em algo se parece com uma outra, a da relação do adulto com a criança. Não por outra razão, tal é o paralelo pelo qual Freud abre suas considerações sobre a identificação, logo após proceder a uma pequena retomada de sua teoria da libido e à análise da função do líder em dois exemplos de massas organizadas – a igreja e o exército (FREUD, 1921/2020, p. 161).

Havendo descrito o papel de Eros – “que mantém unido tudo que há no mundo” (*Id., ibid.*, p. 164) – e da libido – energia das pulsões, considerada como grandeza afetiva (*Id., ibid.*, p. 162) – Freud insistirá na identificação para, a partir daquilo que se manteve obscuro nos textos de Le Bon e McDougall, explicar a formação de uma alma coletiva. Descrita como “mecanismo de ligação afetiva” (*Id., ibid.*, p. 177), a identificação era o coelho guardado na cartola chamada sugestão.

Pensada como a “mais antiga manifestação de uma ligação afetiva com uma outra pessoa” (FREUD 1921/2020, p. 178), a identificação será localizada por Freud como um acontecimento da vida pré-edípica. Descrita como primordial, ela será, no entanto, caracterizada a partir de uma dinâmica entre as experiências de *ser e ter* – o que a inclui num circuito argumentativo em que a alteridade *já* existe. A identificação será responsável, junto da escolha de objeto, pelas alterações do eu (FREUD, 1923/1976), segundo as quais um objeto é desejado por um sujeito que mimetiza (passa a ser) aquele que em sua fantasia será o suposto detentor (ter) do objeto (FREUD 1921/2020, p. 180). Esta identificação, todavia, é “parcial e altamente limitada” (*Ibid.*, p.180). Segundo Freud, a partir dela o eu altera-se *introjetando* “apenas um traço único da pessoa-objeto” (*Ibid.*, p. 180). Ou seja, trata-se da introjeção (FERENCZI, 1912/2022) de traços e não da pessoa total com a qual um se identifica³. Base para a solidariedade, ela também será o efeito do “índice de um lugar de coincidência dos dois Eus, lugar esse que deve ser mantido recalcado” (*Ibid.*, p. 181). Assim, no texto de 1921 Freud reconhecerá a identificação em três vetores: um progressivo (de ser para ter), outro regressivo (do desejo de ter para o ser, tal como Dora) e um de lateralidade (na solidariedade). Não obstante, apenas ao primeiro é outorgado o lugar de pré-edípico, sendo os outros dois descritos a partir de formações sintomáticas.

A ligação feita entre o progresso e o Complexo de Édipo (FREUD, 1910/2018, p. 128) aliás, nos mostra como é lícito referir-nos a este como o exemplo paradigmático (KUHN, 1962/2013) da psicanálise freudiana, tal como defende Loparic (2001). Um resumo do complexo edípico “em sua forma simplificada” pode ser encontrado no próprio Freud (1923/1976, p. 46), mas nossa brevíssima descrição do ser para o ter já lhe serve de ilustração, mesmo que superficial. Logo, tomaremos a liberdade de apenas lembrarmos que seu declínio é explicado como sendo efeito de uma ameaça e de um complexo de castração cuja resolução deixará para o sujeito dois importantes sub-

³ Ou seja, escolhemos não enfocar aqui o unário.

produtos, que em seguida descreveremos. É a partir de tal ferramentaria conceitual que Freud explicará o vínculo estabelecido entre os indivíduos da massa e seu líder.

O primeiro deles é a cisão do investimento libidinal em duas correntes, a terna e a sensual. Uma, por efeito do recalque, “inibida quanto à meta” e a outra plena, mas inconsciente (FREUD, 1905/2016). O investimento libidinal terno (em demasia, pois na normalidade seriam responsáveis pelos vínculos duradouros) outorgaria ao líder os efeitos da idealização, enquanto produziria nos seus seguidores um enamoramento regressivo capaz de fazê-los renunciar a seus próprios ideais (FREUD, 1921/2020, p. 187-188).

Como segundo subproduto da resolução do complexo de castração, entretanto, encontraremos a formação, no Eu, de um Ideal de Eu, um precipitado formado a partir dos investimentos objetais abandonados, e resultado, portanto, dos processos de identificação às figuras parentais (FREUD, 1923/1976, p. 49) vividos no contexto do romance familiar (FREUD, 1910/2018, p. 129). Este Ideal será, doravante, responsável por informar ao Eu *suas coordenadas de ação no mundo*, o que deve amar e com que traços deve se identificar. Sem, todavia, suplantá-lo (ao Eu) completamente e *retirando do ambiente* as exigências que o faz (FREUD 1921/2020, p. 184). O sujeito, na normalidade, deverá manter algum tipo de distância entre o Eu e seu Ideal (p. 184), embora esta vá ser sempre variável e instável. Portanto, é a eficácia da destruição do complexo de Édipo que agirá como “linha fronteira, nunca totalmente nítida, entre o normal e o patológico” (FREUD, 1924/2018, p. 251). Logo, a rigidez e a permanência do Ideal habitam esta mesma fronteira.

De tal maneira, podemos dizer que esta é a forma pela qual o Eu freudiano vai se alterando (por efeito das identificações) e também se lançando ao futuro (a partir delas, por efeito do ideal). O Ideal de Eu, que se precipita a partir dos *detritos* que as forças do jogo edípico deixam para trás (FREUD, 1923/1976, p. 49) é também, no entanto, herdeiro da severidade de quem impediu o sujeito na sua satisfação, de quem lhe impôs uma ameaça, o representante da moral no psiquismo (FREUD, 1924/2018). O Ideal de Eu é para o Eu como um mapa, uma cartografia com a qual navega o mundo, mas é, também, a instância que o aprisiona, agindo como um de seus suseranos (FREUD, 1923/1976, p. 72). Ora, e não é justamente na vassalagem do Eu que Freud vai se fiar para explicar a aderência do sujeito à massa, a identificação com seus companheiros de grupo e a idealização do líder? Pressupondo uma insidiosa “sensação de triunfo quando algo no Eu coincide com o Ideal do Eu” (FREUD, 1921/2020, p. 210), o médico vienense dirá que a regressão na massa é, em última instância, uma

regressão aos moldes da servidão voluntária (LA BOÉTIE, 1576/2021). Em nome da irrestrita satisfação de seus anseios o sujeito renunciaria a seu Ideal de Eu, pondo em seu lugar o líder idealizado do grupo (FREUD, 1921/2020, p. 206) e fazendo assim coincidirem, via dissolução narcísica na massa, o Eu e o Ideal de Eu (*Ibid.*, p. 202). Sendo assim, é na instabilidade da conquista do Ideal de Eu que a acentuação dada à regressão mais se nos faz clara neste texto freudiano. Trata-se de uma regressão que se caracteriza pela *ilusão de coincidência* entre o eu e seu ideal. Em outras palavras, é na cessão da função de ideal à figura hipnotizante do líder que recai a preocupação freudiana. Impossível não dizer que seu temor tenha sido justificado pela história.

Todavia, também nós estamos interessados em um futuro. Assim, destaquemos o seguinte: embora não explicita o motivo, é da melancolia que Freud retira a argumentação que fundamenta a ideia de um conflito entre o Eu e o Ideal de Eu, já no fim de seu trabalho sobre as massas. Pondo em especial consideração a melancolia que ele chama de psicogênica, na qual o Eu se identifica com um objeto perdido que fora alvo especial de sua agressividade – “a sombra do objeto caiu sobre o ego” (FREUD, 1917[1915]/1969, p. 281) – a cena de um conflito psíquico se desenha. Há um “fator de revolta” (FREUD, 1921/2020, p. 213) do Eu que o próprio Freud destaca, com suas últimas frases. Uma revolta que é efeito da rejeição pelo próprio objeto com o qual, por algum motivo, o sujeito foi levado a se identificar. A sombra que recai sobre o Eu como “maus tratos por parte de seu ideal” (*Ibid.*) era, portanto, *a sombra do ambiente*. Não poderíamos deixar de mencionar, nesta ocasião, uma lembrança à “introjeção do agressor” (FERENCZI, 1932/2022, p. 115), pertinente à teoria ferencziana do trauma, e nos perguntarmos: seria a via do manejo da melancolia a indicação freudiana para o triunfo sobre a figura do Ideal de Eu identificado ao agressor idealizado?

Se Freud encerra seu texto com a melancolia e se damos destaque a isso é porque vemos nela alguma associação com um resgate possível na regressão à dependência. Assim, nosso caminho estará aberto às considerações winnicottianas se na esteira do conflito entre o Eu e o Supereu (FREUD, 1923/1969) – instância psíquica que herdará o Ideal de Eu a partir de *o eu e o isso* (*Ibid.*) – invocarmos ainda um último aliado. Quando Félix Guattari – psicanalista, analista institucional e cocriador da chamada esquizoanálise – propõe que seja possível fazer “um remanejamento de domínios de acolhida do supereu” (GUATTARI, 1964/2015, p. 104), isto não poderia estar justamente sendo aventado como uma solução para tirar da sombra o objeto agressor com o qual o sujeito se encontra identificado? A pergunta que um texto – que recomenda-

mos avidamente ao leitor – tão críptico e intricado como este nos permite colocar é: como transformar, “numa espécie de *nova acolhida iniciática*, que esvazie de sentido a exigência social cega de certo procedimento castrador que exclui todo e qualquer outro” (*Ibid.*, grifo nosso), o Ideal de Eu e o sujeito? Encontraremos, com sorte, algumas pistas na obra winnicottiana.

Ansiedades impensáveis: um senso de morte interior

A pressuposição de base em *Aspectos clínicos e metapsicológicos da regressão* (1954/2021) é a de que “quanto mais nos aproximamos do início teórico, menos falhas pessoais encontramos, e em certo ponto passaremos a encontrar apenas falhas ambientais de adaptação” (WINNICOTT, 1954/2021, p. 469). Tal como a afirmação freudiana de que a psicologia individual não deve ser separada da psicologia social, o real impacto desta frase só pode vir à tona a partir de um trabalho de análise e contextualização adequado. No entanto, pode-se dizer já de saída que a grande responsabilidade atribuída ao ambiente no processo de subjetivação é uma constante ao longo do pensamento winnicottiano. O que ele deve em parte a Melanie Klein (e, por que não, ao analista dela, Ferenczi) e que já pode ser apreendido, por exemplo, da diferença entre fantasia e realidade interna, proposta por ele ainda em 1935 (WINNICOTT, 1935/2021).

Embora no trabalho de 1935 faça-se principalmente a defesa da ideia de que “a fantasia faz parte dos esforços do indivíduo para lidar com a realidade interna” (WINNICOTT, 1935/2021, p. 258) – a primeira sendo uma forma de organização e defesa onipotente contra o reconhecimento da segunda – por outro lado, não poderíamos deixar de notar que recairá no reassseguramento (*reassurance*) a ênfase do tratamento das chamadas defesas maníacas (WINNICOTT, 1935/2021). No primeiro dos exemplos clínicos que usa para ilustrar sua argumentação, Billy, um menino de cinco anos, erra o caminho ao sair do consultório após uma de suas sessões com Winnicott. É ao segui-lo, sentindo que o garoto estivesse particularmente afetado naquele dia, que a oportunidade de reassegar se apresenta como antídoto à retaliação sádica dos objetos atacados-introjutados (cf. KLEIN, M. 1930/1975) na brincadeira de pirata que ocorrera logo antes. O porão, lugar onde o garoto fora parar por engano, serve como metáfora da realidade interna, subsídio para a fantasia, mas também para “um senso de morte interior” (WINNICOTT, 1935/2021, p. 260).

Este reassseguramento, mais tarde saberíamos, estará intimamente ligado à concepção winnicottiana de trauma, celebradamente resumida pela fórmula

$x+y+z$ e cujo prejuízo ao sujeito recai sobre a condição de possibilidade da formação de símbolos (WINNICOTT, 1971/2019, p. 157). Em poucas palavras, faz-se com esta aritmética simples a descrição de um trauma intimamente associado à dissipação da associação entre a *imagem* materna e um objeto transicional, capaz de manter em contato a realidade interna e a realidade externa (WINNICOTT, 1971/2019). Rompe-se a membrana entre o dentro e o fora e, caso ela não seja reparada pelo retorno do objeto num tempo y , corre-se o progressivo risco de um trauma no qual o bebê faz, em z , sua própria experiência da loucura (WINNICOTT, 1971/2019). Essa prolongada angústia de separação tornar-se-á, para o bebê winnicottiano, uma agonia primitiva, uma ansiedade impensável, contra a qual defesas primárias serão acionadas. Trata-se, em suma, da descrição de um modo próprio de traumatismo, associado a “um estado agudo de confusão pertencente à desintegração da estrutura nascente do ego” (WINNICOTT, 1971/2019, p. 157), na qual o ambiente será implicado na qualidade de intrusivo.

O que do ponto de vista do bebê será vivido como “ameaça de aniquilamento” (WINNICOTT, 1956/2021, p. 499), no que concerne ao ambiente será o efeito de uma estranha *intrusão*. Se o aspecto impensável se deve à ausência do sujeito – que ainda não está lá neste momento – a intrusão, por sua vez, será pulsional, mas, surpreendentemente, efeito da ação intrusiva do ambiente. Interna, mas estranhamente vinda de fora. Trata-se de mais um paradoxo do pensamento winnicottiano, que encontramos resumido na afirmação de que “não há *id* antes do ego” (WINNICOTT, 1962/1982, p. 55). Afirmação que, por sua vez, nos relançará à famosa “Onde estava o *id*, ali estará o ego” (FREUD, 1933/1969, p.102).

É notório o recurso freudiano feito por Freud a George Groddeck para diferenciar entre um uso qualitativo/descritivo e um uso sistêmico do termo inconsciente – reservando para o segundo sentido a denominação de *id*. Este *id*, “parte obscura, parte inacessível de nossa personalidade (...) caos, caldeirão cheio de agitação fervilhante” (FREUD, 1933/1969, p. 94) não pode, para Winnicott, estar lá antes que o lactente seja “uma entidade viva que tenha experiências” (WINNICOTT, 1962/1982, p. 55). Ele virá a tornar-se uma instância à medida que haja o acúmulo de satisfações e frustrações eróticas da pulsão (WINNICOTT, 1965/1982, 1958/2021) na sua relação com os objetos, mas estará lá desde o início como *força*, incluído fora do *ego*. Assim, é uma conquista do desenvolvimento saudável quando “o *id* é reunido a serviço do *ego*, e o *ego* domina o *id* de modo que as satisfações do *id* se tornam *ego*-fortificantes” (WINNICOTT, 1958/1965, p. 40). Isso não significa dizer, todavia, que haja

uma primazia absoluta do *ego* quanto ao *id* – já que para o inglês “o começo é uma soma de começos” (WINNICOTT, 1979/1982, p. 56)⁴ – mas que o sujeito da experiência – o *self*⁵ – tem seu próprio nascimento.

É quanto a este nascimento que a ameaça de aniquilamento, da qual tratávamos acima, ganha seu sentido. O ambiente, intrusivamente esgarçando as malhas do tempo até “z”, explode a própria continuidade da qual um *self* está nascendo. A pulsão, interna do ponto de vista do observador, mas intrusivamente conjurada, explode e se espalha sobre estes *destroços* como força enfraquecedora de um *ego* corporal ainda absolutamente incipiente. Como efeito desse processo de fragmentação impensável temos os *destroços* de um sujeito que viria a ser.

Não foi por acaso que acima nos referimos aos elementos que compõem o precipitado superegoico como detritos – estes sedimentos que se soltam, sem romper o todo, de algo que tem sua própria solidez. Em contraposição a esta degradação mais suave, o que a regressão à dependência winnicottiana nos permitirá observar são forças capazes de destroçar, de arrancar cabeças de generais (FREUD, 1921/2020, p. 170), mas também de criar a própria realidade.

Regressão e dependência

A partir da descrição da primeiríssima infância como um estado em que o lactente vive uma dependência absoluta (WINNICOTT, 1963/1982) Winnicott deslindará o processo de constituição da separação entre o eu e o não-eu e da construção da realidade interna e externa a partir de uma ilusão. Para tanto, ele lançará mão de uma operação criativa “que o observador direto dos infantes deve estar preparado para *permitir* ao analista” (WINNICOTT, 1965, p. 112, tradução nossa). Sua descrição dos processos de subjetivação será feita a partir de “um ponto de vista infantil e pouco sofisticado, diferente do ponto de vista da mãe e do observador” (WINNICOTT, 1971/2019, p. 155). Esforçando-se nesta identificação com o bebê – aos moldes de uma preocupação materna primária (WINNICOTT, 1956/2021, p. 494) – o pediatra-psicanalista defenderá que o ambiente deverá permitir e respeitar a paradoxal ilusão de

⁴ Outros argumentos podem ser encontrados para corroborar esta interpretação (FULGÊNCIO, 2014; WINNICOTT, 1958/2021; PONTALIS 1977/2021).

⁵ Acompanhamos aqui a interessante leitura que Pontalis (1977/2021) faz do *self* – “o *self* não é elã vital, mas, no espaço psíquico, o representante do *vivo*: espaço aberto, digamos assim, nas duas pontas, para o ambiente que primeiro o nutre e que ele, em troca, cria.” (*Ibid.*, p. 197).

criação dos objetos ofertados (WINNICOTT, 1953/2019, p. 31). A ideia de que a experiência do mundo apresentado deva ser permitida ao infante como a de uma criação, funcionará em favor do fortalecimento da *espontaneidade* (WINNICOTT, 1958/2021). Trata-se do encontro, no momento oportuno, entre uma expectativa – um potencial – e algo da realidade externa, por exemplo, um seio. Ou um relógio:

Posso olhar para um relógio e ver apenas a hora; também pode ser que nem isso eu veja, apenas note as formas no mostrador; ou talvez eu não veja nada. Entretanto, pode ser que eu veja em relógios potencial, e então me permita ter alucinações com um relógio, agindo desse modo por conta das evidências de que um relógio real está lá para ser visto; então, quando percebo o relógio real, já passei por um processo complexo que se originou em mim. Portanto, quando vejo o relógio, eu o crio e, quando vejo a hora, também crio o tempo. Tenho minha breve experiência de onipotência o tempo todo, antes de transferir essa função desconfortável para Deus (WINNICOTT, 1986/2021, p. 55).

Em suma, embora não deixe de se preocupar com os excessos das ilusões – “a marca da loucura quando o adulto força demais a credulidade alheia” (WINNICOTT, 1971/2019, p. 16) – há no pensamento winnicottiano muito respeito por elas, responsáveis que serão, entre outras coisas, pela formação dos grupos. Destarte, nada se pode perder que um dia não tenha existido como diferença, mas, simultaneamente, esta diferença só pode se constituir, como argumenta Thais Klein (2023, no prelo), a partir de uma unidade heterogênea. Logo, a ilusão de onipotência será a base para o reconhecimento da alteridade em Winnicott. Em outras palavras, a dependência absoluta que o bebê tem de seus cuidadores significará que “o centro de gravidade do ser não surge no indivíduo. Ele se encontra no arranjo total” (WINNICOTT, 1975/2021, p. 216) indivíduo-ambiente, pois só no arranjo a ilusão pode acontecer. Toda fantasia é de grupo (DELEUZE e GUATTARI, 1972/2010, p. 87), no sentido aqui exposto, pois a realidade interna – substrato, como vimos, da fantasia – começa na ilusão subjetivante, antes do indivíduo. Por esta mesma razão, a saída da dependência absoluta e, portanto, a perda da ilusão de onipotência, marcará a conquista da externalidade dos objetos. Eu e não-eu constituem-se em simultaneidade.

Cabe salientar, ainda, que a saída da ilusão de onipotência é feita mediante as falhas do ambiente, através de uma “desadaptação gradativa” (WINNICOTT, 1963/1982, p. 83), razão pela qual sua medida dita o grau de

intensidade desta experiência. Se bem-sucedido, neste momento o ambiente deverá receber e sobreviver a uma boa dose de agressividade do sujeito, que comparecerá decisivamente na construção da externalidade dos objetos. O elemento agressivo terá, para Winnicott, um papel importante, pois ele tem na oposição seu próprio objeto de satisfação, trabalhando a partir dele, mas, também, para preservá-lo⁶. Assim, “devido à sobrevivência do objeto, o sujeito pode começar a viver no *mundo dos objetos*, obtendo ganhos imensuráveis” (WINNICOTT, 1971/2019, p. 147). “Porém, o preço a ser pago é a aceitação da destruição em curso na fantasia *inconsciente* vinculada à relação de objeto” (*Ibid.*, p. 147), o que certamente assustava Billy, o menino que foi parar no porão. Poderíamos dizer, num resumo forçado pelos limites deste trabalho, mas quase deselegante com a proposição original, que a agressividade winnicottiana cria a realidade, não sendo esta, portanto, *apenas* um efeito das frustrações (cf. PEIXOTO JUNIOR, 2022). Há para Winnicott algo que numa outra abordagem da clínica do inconsciente tem sido recorrentemente chamado de morte animada (PINTO, 2019), um poder criativo das forças destrutivas.

Se retornarmos agora à *defesa maníaca* (WINNICOTT, 1935/2021), podemos dizer que tanto o resultado assustador da aparição de uma membrana limitante entre um dentro e um fora na saída da dependência absoluta (WINNICOTT, 1962/1982, p. 60), quanto os efeitos aniquiladores das intrusões ambientais, já nos servem como justificativa suficiente para defender, junto a Winnicott, o valor do reassseguramento. Mas estamos ainda um passo aquém de justificar a regressão à dependência. Certamente, como vimos, o reassseguramento pode trabalhar em favor da espontaneidade de um paciente. Mas é a sobrevivência criativa (ROUSSILLON, 2015, p. 266) a uma “atuação que deve ser tolerada” (WINNICOTT, 1954/2021, p. 478) que marca a sustentação da regressão à dependência tal como proposta por Winnicott. A sustentação desses estados, no momento mais agudo de um tratamento, permitirá a manifestação da “raiva pertencente à situação da falha ambiental original” (WINNICOTT, 1954/2021, p. 479). O ambiente-analista, nestes casos, deverá adaptar-se ativamente e, no entanto, serão suas falhas que, podendo ser aproveitadas, promoverão a oportunidade para um resgate: o de “um novo senso de si [*self*]” (WINNICOTT,

⁶ “No relacionamento sexual adulto e maduro, é possível que a satisfação erótica não seja a única que necessita de um objeto específico. É o elemento agressivo ou destrutivo no impulso fundido que fixa o objeto e determina a necessidade da presença, da satisfação e da sobrevivência do parceiro” (WINNICOTT, 1958/2021, p. 392).

1954/2021, p. 479). A oportunidade aberta é a do acesso e a da reconstrução das próprias bases do narcisismo do sujeito. Por esta mesma razão, tanto Freud (1938/2018, p. 110) quanto Winnicott (1954/2021, p. 480) se preocupam em avisar-nos do risco e do aspecto doloroso de um processo como esse. Tal como aconteceu em Budapeste, as ruínas de uma guerra, que produz destroços e detritos, podem um dia tornar-se parte integrante de um novo senso de si. Mesmo que a reconquista do território seja sangrenta.

O invasor winnicottiano, o famigerado falso *self*, entretanto, não pode, sem muitos prejuízos, ser comparado às forças do Terceiro Reich. Por um lado, a metáfora territorial é certamente adequada. O falso *self* que se constitui como reações à intrusão ambiental descreve *um vetor* de "dissociação entre a atividade intelectual e a existência psicossomática" (WINNICOTT, 1960/1982, p. 132); No entanto, por outro, ela é radicalmente inadequada. Basta lermos com atenção e veremos que em mais de uma oportunidade o falso *self* será também chamado de *self* cuidador e *self* conciliador. Portanto, se ele ocupa um território, cindindo o sujeito de parte de sua própria experiência afetiva e psíquica é, por outro lado, porque ele é uma função social, "construído sobre as identificações" (*Ibid.*, p. 131). Nos termos freudianos, um "Estado dentro do Estado" (FREUD, 1938/2018, p. 108). Em graus de normalidade ele é um protetor do verdadeiro e espontâneo *self*, que pode dosar seus graus de espontaneidade. No outro extremo, é um impostor, "construído à base de uma submissão defensiva" (WINNICOTT, 1954/2021, p. 482), responsável por uma sensação de futilidade, inutilidade e irreabilidade.

Cabe dizer que não estamos aqui propondo uma equivalência do Supereu com o falso *self*, mas há de se convir que, tanto na saúde quanto na doença, um provavelmente será aliado do outro. O que realmente importa é que, de sujeitos cindidos mediante uma violência ambiental, intrusiva e silenciosa, uma psicanálise que entende o valor da regressão como condição de possibilidade para *um outro futuro*, um dia já pôde ouvir: "A única vez que senti esperança foi quando você me disse não ver esperança, e continuou com a análise" (WINNICOTT, 1960/1982, p.139). Não deveria haver esperança se o progresso era fútil, irreal e sem corpo. A análise parecia apontar para outra direção.

Considerações finais

Se alguém disser a um grupo de clínicos do inconsciente que o silêncio é a contrapartida do analista à associação livre do paciente, muito possivelmente

pouca comoção será gerada. Entretanto, geralmente à associação livre ligaríamos a fala e à fala o som, ao som o ruído e, finalmente, ao ruído o barulho. Mas, e se o silêncio for a expressão mais autêntica de alguma coisa que pode ou deve comparecer, seja onde for?

O silêncio é uma das principais ferramentas do ofício de analista. Todavia, ter a fala como sua contrapartida apenas meramente se inclui no que pode ser considerada toda uma gramática do silêncio (GOMES, 2017). Base para a transferência e sinal de resistência (ULKOWSKI; PINHEIRO, 2021), o silêncio pode ser entendido, por exemplo, como pano de fundo do sonhar (KLEIN; VIEIRA, 2021), como característica do enquadre analítico clássico (ou indício de estados limite quando neste se faz ausente) (GREEN, 1974/1990) e como “o equivalente, na vigília, ao sono do analista” (Id., 1979/1990, p. 303). Já alguém como Ferenczi associará, ainda em 1913, os estados de quietude a um “movimento regressivo da *Trieb* a um estado de constância tensional e à sensação de onipotência incondicional” (DAL MOLIN; COELHO JUNIOR; CROMBERG, 2019, p. 243).

No artigo de 1954 que acima analisamos, Winnicott conta ter, por ocasião do início do tratamento de um caso regredido, passado uma sessão inteira “absolutamente quieto, apenas respirando” (1954/2021, p. 479). Havendo estado convicto de que isso era exatamente o que deveria fazer naquele momento, relata ter ouvido da pessoa que atendia, ao final do encontro, que ela agora finalmente sabia que ele podia fazer sua análise. O silêncio foi eloquentemente respondido com silêncio. Um silêncio quebrado apenas pela pessoa que pedia sua presença. E que o inglês diz ter sido muito difícil sustentar. O esforço é considerável, em sua opinião, quando tratamos um caso deste tipo (*Ibid.*). Assim, façamos, no espírito desta indicação, nosso último esforço de oscilação entre o psíquico e o social. Vejamos se do silêncio podemos retornar aos incêndios.

“O Brasil nasceu e cresceu sem a experiência do diálogo. De cabeça baixa, com receio da Coroa. Sem imprensa. Sem relações. Sem escolas. Doente. Sem fala autêntica” (FREIRE, 1971, p. 80). Assim Paulo Freire descreve o que chamou de a inexperience democrática brasileira ou de “as condições negativas às experiências democráticas” (Id., *ibid.* p. 65) do ambiente sócio-histórico brasileiro. Segundo Venício Lima (2021), amigo e estudioso da obra de Freire, foi sobre tal diagnóstico que o educador construiu seu conceito de *cultura do silêncio*. Lima nos indica que, chamada primeiro de mutismo brasileiro, a ideia de uma posição expectante diante do processo histórico nacional (FREIRE, 1959, p. 83-84), tornar-se-ia um conceito mais completo a

partir do relatório de Freire acerca de seu trabalho no programa de reforma agrária chileno. Tributária de um fatalismo produtor de verdadeira apatia, a cultura do silêncio, "introjetada como inconsciente coletivo pelos camponeses" (FREIRE *apud* LIMA, 2021, p. 111) age como interditora das novas possibilidades. Na cultura do silêncio, o que predomina é a ausência de palavra ou a palavra inautêntica, sem vivacidade (*Ibid.*, p. 116). Tal é o que Freire exemplifica com a história de um camponês recém-alfabetizado que diz ter conquistado a própria possibilidade de pensar (*Ibid.*, p. 112), sendo capaz agora de retirar de deus a responsabilidade pelo sofrimento mediante a "desordem organizada" (*Ibid.*, p. 113) em que vive.

Em suma, na definição de Lima "a cultura do silêncio corresponde a um conjunto de representações e comportamentos ou formas de ser, pensar e expressar que constituem a *ambiência* da opressão" (p. 116, grifo nosso). Podemos dizer que é no sentido de combate a isso que Franz Fanon (2020), num dos editoriais que publicou para o *Trait d'union*, jornal interno do hospital psiquiátrico de Saint-Alban, dirá que "é a linguagem que rompe o silêncio e os silêncios". Autor de referência para o pensamento decolonial, para ele, segundo a leitura de Mbembe, "a reconstituição do comum começa pela troca de palavras e pela quebra do silêncio" (MBEMBE, 2020, p. 148). Desta forma, "comungar é comungar em face de alguma coisa" (FANON, 2020, p. 264). Trata-se aqui, se quisermos agora retomar o que acima desenvolvemos, de um "fator de revolta" que comunga em face da 'ambiência de opressão'. A fala que quebra o silêncio – e com Freire e Winnicott poderíamos dizer: não uma fala qualquer, mas uma fala autêntica – é uma intermediária para "ressuscitar capacidades fragilizadas" (MBEMBE, 2020, p. 193).

Se em grande parte dos casos quem analisa anseia por ficar em silêncio, por outras, deve ser capaz de suportar, mesmo no incômodo, um silêncio quase insuportável, em que tudo que se ouve é o som do ar que o pulmão refuga e novamente acolhe. Ao oferecer o que Gomes (2017) chamou de um "silêncio *holding*" (p. 187), Winnicott esteve sustentando e sobrevivendo criativamente ao que, antes de ser uma posição de conforto, estava mais próximo, na verdade, de um incêndio. Produto de uma rápida e violenta oxidação, o fogo talvez não esteja tão distante assim de um outro tipo de acontecimento do qual o oxigênio também participa de maneira relevante: a experiência dolorosa do choro, efeito da primeira respiração. Ora, não podemos dizer, com um pouco de poesia, que esse choro está mais próximo do incêndio do que da chuva? O ataque do bebê ou de cada um de nós, que quando chora ou incendeia está infante, sem palavras, regredido, não pode ser afinal o anúncio e a reinvidicação de um

outro futuro? Diante de tudo que dissemos, o que não podemos é duvidar da importância de fazermos-nos tais perguntas.

Tramitação

Recebido 07/06/2023

Aprovado 31/07/2024

Referências

- AB'SABER, T. *Winnicott: experiência e paradoxo*. São Paulo: Ubu Editora, 2021.
- BIRMAN, J. *Mal-estar na atualidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- BON, L. G. (1895). *A psicologia das multidões*. São Paulo: Martins Fontes, 2018.
- BUTLER, J. *A força da não-violência*. São Paulo: Boitempo, 2021.
- CANETTI, E. *Massa e poder*. São Paulo: Cia das Letras, 2019.
- DAL MOLIN, E. C.; COELHO JR., N.; CROMBERG, R. A pulsão de morte no primeiro Ferenczi. *Estilos da Clínica*, v. 24, n. 2, p. 231-245, 2019.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. (1972). *O anti-édipo*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.
- FANON, F. *Alienação e liberdade: escritos psiquiátricos*. São Paulo: Ubu, 2020.
- FERENCZI, S. (1933). *Confusão de línguas entre os adultos e a criança*. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 111-135. (Obras completas Sándor Ferenczi, 4).
- _____. (1912). *O conceito de introjeção*. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 209-212. (Obras completas Sándor Ferenczi, 1).
- FERNANDEZ-SAVATER, A. *Porque ler Marcuse no século XXI*. Outras Palavras. Disponível em: <<https://outraspalavras.net/pos-capitalismo/porque-ler-marcuse-no-seculo-xxi/>>. Acesso em: 02 jun. 2023.
- FIGUEIREDO, L. C. A tradição ferencziana de Donald Winnicott. Apontamentos sobre regressão e regressão terapêutica. *Revista Brasileira de Psicanálise*, p. 909-927, 2002.
- FOUCAULT, M. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- FREIRE, P. (1959). *A educação como prática de liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREUD, S. *Amor, sexualidade, feminilidade*. São Paulo: Autêntica, 2018. (Obras incompletas de Sigmund Freud).

_____. (1910). Sobre um tipo particular de escolha de objeto nos homens. In:

_____. *Amor, sexualidade, feminilidade*. São Paulo: Autêntica, 2018. p. 121-136. (Obras incompletas de Sigmund Freud).

_____. *Cultura, sociedade e religião*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. (Obras incompletas de Sigmund Freud).

_____. (1921). Psicologia das massas e análise do eu. In: _____. *Cultura, sociedade e religião*. São Paulo: Autêntica, 2020. p. 137-232. (Obras incompletas de Sigmund Freud).

_____. (1930). O mal-estar na cultura. In: _____. *Cultura, sociedade e religião*. São Paulo: Autêntica, 2020. p. 305-411. (Obras incompletas de Sigmund Freud).

_____. (1897). *Charcot*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. p. 19-31. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 3).

_____. (1910). *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 233-246. (ESB, 12).

_____. (1923). *O ego e o id*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 13-83. (ESB, 19).

_____. (1933). *A dissecação da personalidade psíquica*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 75-102. (ESB, 22).

GOMES, S. *A gramática do silêncio em Winnicott*. São Paulo: Zagodoni, 2017.

GREEN, A. (1990). *A loucura privada*. São Paulo: Escuta, 2017.

GUATARRI, F. (2003). *Psicanálise e transversalidade*. São Paulo: Ideias e Letras, 2015.

JESUS, J. G. de. Psicologia das massas: contexto e desafios brasileiros. *Psicologia & Sociedade*, 25(3), p. 493-503, 2013.

KEHL, M. R. Freud e as mulheres. In: FREUD, S. *Amor, sexualidade, feminilidade*. São Paulo: Autêntica, 2018. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Obras incompletas de Sigmund Freud).

KLEIN, M. (1930). A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego. In: _____. *Amor, culpa e reparação (1921-1945)*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

KLEIN, T.; VIEIRA, J. O paradoxo do sonhar no contexto pandêmico: tempo, silêncio e a experiência analítica. *Trieb*, Rio de Janeiro, (1) 20, 2021.

KLEIN, T. *A experiência nos limites - corporeidade, tempo e sentido em psicanálise*. São Paulo: Zagodoni, 2023, no prelo.

- LIMA, V.; FREIRE, P. *A prática da liberdade para além da alfabetização*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo; Belo Horizonte: Autêntica, 2021.
- LOPARIC, Z. Esboço do paradigma winnicottiano. *Cadernos de História, Filosofia e Ciência*, Campinas, 11, n. 2, p. 7-58, jul-dez 2001.
- MARCUSE, H. *Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.
- MBEMBE, A. *Políticas da inimizade*. São Paulo: n-1 edições, 2020.
- PEIXOTO JUNIOR, C. A. Destrutividade, sobrevivência, subjetivação: a agressividade como potência de destruição criativa em Winnicott. *Natureza Humana - Revista Internacional de Filosofia e Psicanálise*, 24(1), p. 17-39, 2022.
- PINTO, F. M. *Considerações sobre o conceito de pulsão de morte: pistas de uma morte animada*. Dissertação (Mestrado). UFF, Niterói, 2019.
- PONTALIS, J. B. (1977). *Entre o sonho e a dor*. São Paulo: Ideias & Letras, 2021.
- PERIFÉRICA, Revolução. FOGO NOS RACISTAS na práxis. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CRuHe1iHqJT/>>.
- ROUSSILLON, R. A função simbolizante. *J. psicanal.*, São Paulo, v. 48, p. 257-286, dez. 2015.
- ULKOWSKI, I. D. P. I.; PINHEIRO, N. N. B. O silêncio na obra freudiana: um estudo longitudinal. *TRIEB*, 20(1), p. 69-83, 2021.
- WINNICOTT, D. W. (1954). Aspectos clínicos e metapsicológicos da regressão. In: _____. *Da pediatria à psicanálise*. São Paulo: Ubu Editora, 2021.
- _____. (1958). *Da pediatria à psicanálise*. São Paulo: Ubu Editora, 2021.
- _____. (1955). *Influências de grupo e a criança desajustada: o aspecto escolar*. São Paulo: Ubu Editora, 2023.
- _____. (1965). *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artmed editora, 1982.
- _____. (1965). *The Maturation Processes and the Facilitating Environment: Studies in the Theory of Emotional Development*. London: The Hogarth Press and the Institute of Psycho-Analysis, 1965.
- _____. (1971). A localização da experiência cultural. In: _____. *O brincar e a realidade*. São Paulo: Ubu Editora, 2019.
- _____. (1971). Vivendo criativamente. In: _____. *Tudo começa em casa*. São Paulo: Ubu Editora, 2021.
- WINOGRAD, M. *Freud e a fábrica da alma*. Curitiba: Appris, 2013.